



5623 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)  
GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

Folhinhas de Algibeira do século XIX: suas tipologias e os possíveis leitores  
Ana Paula Pedersoli Pereira - FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Isabel Cristina Alves da Silva Frade - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

### Folhinhas de Algibeira do século XIX: suas tipologias e os possíveis leitores

#### Resumo

A partir de um estudo analítico-descritivo-comparativo das Folhinhas de Algibeira publicadas no século XIX, o presente trabalho busca compreender os possíveis leitores e leitoras pretendidos a partir das tipologias das folhinhas. A investigação fundamenta-se nos estudos da História Cultural, da História do livro e da Leitura e da Literatura popular ou de ampla circulação, permitindo a compreensão do impresso como fonte histórica e como objeto físico. O corpus da pesquisa é constituído por 45 folhinhas do acervo “Catálogo de Obras Raras”, publicadas no século XIX. Os resultados indicam um forte caráter de guia de socialização do tempo do impresso. Seu formato possibilita carregá-la no “bolso”/algibeira, ou seja, portá-lo junto ao corpo, indicando que seria esse um material de muita necessidade. Para diferenciar as publicações de uma mesma editora, aplica-se uma fórmula editorial que emprega um formato geral para todos os exemplares acrescido de partes específicas relacionadas diretamente com certa tipologia da Folhinha e isso configura uma forma de segmentação de leitores e uma identidade para cada título inventado.

**Palavras-chave:** História do livro. Edição. Folhinhas de Algibeira. Leitura. Leitor

#### Introdução

Este trabalho faz parte de um estudo analítico-descritivo-comparativo sobre Folhinhas publicadas no Brasil, no século XIX, que problematiza as relações entre impresso, leitura e leitor, buscando recuperar leitores pretendidos, estabelecer relações entre formato e usos, o conteúdo, formas de composição do impresso e leituras estimadas. Neste artigo, problematizamos sobre a fórmula editorial das Folhinhas, que emprega um formato geral para todos os exemplares acrescido de partes específicas relacionadas diretamente com tipologia do impresso e isso configura uma forma de segmentação de leitores e uma identidade para cada título inventado.

A investigação fundamenta-se nos estudos da História Cultural, da História do livro e da Leitura e da Literatura popular ou de ampla circulação, como aqueles empreendidos por Roger Chartier, Robert Darnton, Jean-Yves Mollier e Lise Andries, permitindo assim, a compreensão do impresso como fonte histórica e como objeto. Ao analisar um impresso, entendendo a sua história, é possível perceber as ideias transmitidas e o modo com a palavra impressa podia influenciar no comportamento e na mentalidade da humanidade (DARNTON, 2010). Desse modo, Chartier (1990) ressalta que as “estratégias de publicações sempre moldam práticas de leitura” (p.30), sendo assim, através da análise do impresso, como fonte e como objeto, pode-se recuperar leitores pretendidos.

O corpus da pesquisa é constituído pelo conjunto de folhinhas que fazem parte do acervo “Catálogo de Obras Raras – Periódicos”, intitulado: Folhinhas, que está sob a guarda do Arquivo Público Mineiro. As 45 folhinhas analisadas foram publicadas no século XIX, 1832 a 1888 e editadas por quatro editoras diferentes, três instaladas no Rio de Janeiro (Laemmert, Guimarães e Ogier) e uma localizada em Minas Gerais (Typografia do Universal). Foram também utilizados como fonte a imprensa periódica da época.

Num país que tem baixíssimos índices de alfabetização no período em que as Folhinhas foram publicadas, século XIX, no qual aproximadamente 80%<sup>[1]</sup> das pessoas não sabiam ler, quem seriam os leitores pretendidos por uma publicação que visa atingir todas as regiões e tipos de leitores/ouvintes? Como ela se anuncia aos leitores? Como a publicação se dirige aos leitores? Como o formato e a função se relaciona com os tipos de leitura? Estas foram perguntas que guiaram a análise das Folhinhas.

[1] Recenseamento geral do império de 1872. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger; Tip. Commercial, 1876. 23 v. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em 13 de setembro de 2018. Sobre a relação entre a população total do ano de 1872 e a instrução (saber ler e escrever e analfabeto), de uma população total de 9.930.478 (referente aos homens e mulheres livres e escravos) declararam saber ler e escrever: 1.565.454 e declararam analfabetos: 8.365.024, resultando, assim, uma porcentagem de aproximadamente, 15,7% de sujeitos que declararam ler e escrever e 84% de sujeitos que se declararam analfabetos. E, em atenção à população escolar e à instrução, do total de 2.092.784 da população escolar (sujeitos com idades 6-15 anos), 1.565.681, não frequentam a escola e 251.792 frequentam a escola, em porcentagem, respectivamente de, aproximadamente, 74,8% e 12%.

#### Pressupostos teóricos: problematizações centrais da pesquisa

A história cultural “tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p.16). Empregando esse pressuposto e aplicando-o à história do livro e da leitura, compreende-se que é preciso interpretar as histórias, do livro e da leitura dialogando com várias áreas do conhecimento além de, ampliar o olhar na investigação das fontes, objetos, instâncias e sujeitos. Assim, ao analisar um impresso de modo documental e cultural, articula-se aspectos físicos materiais e gráficos-editoriais com a sua história, compreende-se as indicações implícitas e explícitas de um leitor pretendido e os mistérios da leitura, no sentido de entender que o leitor cria modos distintos de se apropriar de um texto, o que gera práticas de leitura e escrita com usos para fins diversos.

Nesse sentido, ao entender sua história é possível perceber as ideias transmitidas e o modo com a palavra impressa podia influenciar no comportamento e na mentalidade da humanidade, bem como despertar apropriações singulares. Especificamente, no caso dos impressos que fazem parte do *corpus* desta pesquisa, a palavra escrita remete a uma ideia explícita de socialização do tempo, pois o caráter de organizar e administrar o tempo social está fortemente presente no

conteúdo dessas publicações, tempo este que refere-se à organização dos sujeitos dentro das esferas civil e religiosa (NOVA, 1996).

Estudos de Mollier (2008) sobre a edição francesa e seu público, nos permitem refletir sobre a complexidade da análise dos impressos, destacando que é possível escrever sobre a história da impressão, fazendo um estudo dos aspectos físicos do objeto "livro", por exemplo e o olhar para o projeto gráfico de um impresso, remete as escolhas tipográficas dos editores que são indicativas de algo que eles pretendem alcançar em seus leitores, bem como pretendê-los. Isso nos faz refletir, ao mesmo tempo, sobre a perspectiva simbólica dos textos, ou seja, a produção de sentidos, os significados relacionados à ínfima materialidade do livro dentro das condições contextuais de produção e circulação.

Desse modo, a análise de nossas fontes se realiza de dois modos diferentes o primeiro, como fonte histórica que nos permite entender a história da leitura e dos leitores em determinados períodos históricos e contextos culturais. E em segundo, como objeto físico no sentido de compreender e descrever suas características, compreendendo sua especificidade, seus modos de divulgação, as estratégias e regras de fabricação e publicação, a materialidade envolvida, rede editorial, formato, estrutura, recursos e técnicas gráficas utilizadas, dentre outras (CHARTIER, 1990). Todos esses fatores podem explicar sua permanência ou efemeridade e indiciar modos de pensar o leitor no período investigado.

Diante do foco da investigação, entre a relação do impresso, leitor e leitura, destaca-se que a (re) construção dos leitores de um impresso pode ser feita através de uma análise do texto, no sentido de compreender os mecanismos discursivos utilizados pelo autor que sustentam a abordagem da temática do impresso. Assim, a temática de um impresso diz muito além de um conteúdo, diz de um texto que utiliza mecanismos discursivos com caráter mais formativo e ideológico, ou enciclopédico, literário e lúdico, e que ainda utiliza estratégias de convencimento, de persuasão ou até mesmo de comoção. Esses elementos são de certo modo organizados para atingir objetivos desejados e diante de uma expectativa de leitores pretendidos, também são construídas determinadas possibilidades de práticas de leitura. Todavia, apesar de compreender que o texto de um impresso supõe um leitor modelo, destaca-se que ele também vai sendo instituído e produzido ao longo da leitura (Galvão e Jinzenji, 2011). Nesse sentido, compreender um texto requerer entender a interdependência existente entre a autoria dos textos e impressos, os leitores e seus significados.

### As Folhinhas, seus temas, as tipologias e os possíveis leitores

Ao comparar diferentes impressos, por sua similaridade ou diferença, em relação às Folhinhas, constatamos a dificuldade na definição do gênero Folhinha, por dois motivos: a incipiência de estudos que tenham como objeto as especificidades do gênero e a sua similitude com outros gêneros editoriais, por exemplo, o almanaque.

Ao analisá-los, constatamos as semelhanças entre os impressos, a começar pela estrutura das Folhinhas, que se aproxima da dos almanaques (NEVES, 2010); de sua função de conselheiro e guia, um objeto ao mesmo tempo 'guia' e 'semiologia do tempo' (BOTREL, 2001), muito semelhante à ideia presente no discurso encontrado em nosso corpus documental, de "guiar pedagogicamente" os leitores no tempo social. Outra semelhança a destacar é a noção de 'assemblage' - composto de saberes (BOTREL, 2001), fortemente presente nas Folhinhas, através das diversidades de saberes, assuntos e conteúdos. Embora o conceito de popular seja complexo, outro dado, não menos importante, é a consolidação desses impressos como referência de veículo de comunicação popular (MEYER, 2001).

Os almanaques durante séculos ganharam lugar de destaque entre os livros de grande circulação e no universo da edição popular (BOTREL, 2001), assim como as Folhinhas, que pelo seu preço e tamanho, elementos materiais fundamentais para caracterizar sua especificidade, tinham uma ampla circulação e destinavam-se "às diversas camadas sociais, em especial aquelas (sic) situadas nas fímbrias da sociedade, desde que possuíssem letramento." (NEVES, 2010, p. 236).

Isso permite associar as Folhinhas a um tipo de leitura destinada ao grande público, considerando os limites da população alfabetizada no período. Mas quem se supõe ser o grande público? Que lugar ocupa esse tipo de impresso na história da leitura e na história editorial do Brasil, em um tempo-espço no qual aproximadamente 80% das pessoas não sabiam ler?

Trechos de carta ao leitor identificados nas Folhinhas mencionam que esta pode ser lida ou ouvida, de ser este um material de primeira necessidade, que pode constar em qualquer casa, do rancho do pobre ao palácio, nos provocando a pensar nas complexidades entre habilidades de leitura, público leitor e projeto editorial.

ha que acrescentar a este quadro a publicação mais estrondosa, mais popular, de maior tiragem que corre de norte a sul, de leste a oeste, **que se encontra no palacio do rico, no rancho do pobre, na mão do senador e na do meirinho, no gabinete do advogado e na algibeira do larapio, no santuario do frade e por detrás da cortina encarnada**, a maravilha da época, **que tudo deslumbra e nenhuma competencia recebe**, que se **recommenda pela exiguidade do preço e pela opulencia do material, a publicação, emfim, que todos conhecem, acatão e estimão, que é saudada sempre com entusiasmo crescente**: A Folhinha Laemmert, que leva às massas os thesouros de erudição, espirito e pericia deste seu criado amantíssimo dos seus amaveis freguezes[...]

(Trecho da carta ao leitor Anno Novo. Folhinha Laemmert para o anno de 1885. Rio de Janeiro, p. 33. grifo nosso).

A ideia de circulação mais ampla também pode ser exemplificada na seguinte citação de trecho de carta ao leitor:

E a mim, que me desejarei? Que minhas folhinhas tão invejadas continuem na sua sempre crescente extracção, e sejam compradas afinal por tres milhões em todas as immensas partes da America, Europa, Africa e Asia, onde se falla a formosa lingua portugueza, e que me veja obrigado a fazer tantas edições quantas sejam sufficientes para com a somma de todos os exemplares se poder

edificar uma nova torre de Babel!.." (Trecho da carta ao leitor Anno Novo. Folhinha para o ano de 1853. Rio de Janeiro, p. 13).

Assim, as Folhinhas, tais como os almanaques, fazem parte da literatura de circulação mais ampla, mais que daquela propriamente popular (ANDRIES, 1996b). Essa comparação se justifica uma vez que são perceptíveis, na análise das folhinhas, a complexidade do conteúdo e, concomitantemente, as características de um livro popular, de capa brochada, papel barato e produzido com um baixo custo de edição (El Far, 2006). Esses elementos ajudam na compreensão de que esse tipo de impresso propicia uma leitura múltipla, permitindo ao leitor se apropriar de modo diverso do que está sendo lido. Essa fórmula editorial traz a ideia de "popularização do uso", não no sentido de vincular o popular à classe social, mas no sentido de uma estratégia editorial que produz um impresso capaz de atingir ampla circulação e com possibilidades de leituras múltiplas, especialmente pelas escolhas gráficas.

Nas páginas das nossas Folhinhas, destaca-se um "recolhimento de dados de natureza diversa" (Nova, 1996) e a afirmação de ser [...] a Folhinha hoje em dia é um repertório de fatos". Essa multiplicidade também se refere aos signos, como nos estudos sobre almanaques (NOVA, 1996), em que há um determinante que é o signo gráfico verbal, mas associado a outros signos, como o visual e o cinético, despertando, assim, multiplicidades de significados no momento da leitura.

A diversidade de assuntos (temas/funções) que esses impressos trazem em seu conteúdo, ao apresentar elementos literários, informativos, editoriais, didáticos, de devoção, tradição, utilidades, místicos, astrológicos, cosmológicos organiza a tipologia das obras (Park, 1999). De modo similar aos almanaques a Folhinha é "...um pequeno grande livro que desempenha seu papel político pedagógico, além de apontar e direcionar para o sentido da matriz vida e morte, ele próprio é marcado pela brevidade: um ano de duração." (PARK, 1999, p. 16 e 17).

Destacamos que a forma discursiva desses assuntos traz nas entrelinhas ideologias políticas, econômicas e religiosas que dialogam com a multiplicidade de significados e que se relacionam dentro de um contexto de socialização do tempo, assim, reforça-se o forte caráter de "guia do tempo" desse tipo de publicação. A partir da análise dos impressos selecionados, constata-se que a ideia de organizar e administrar o tempo estava fortemente plasmada no conteúdo dessas publicações, talvez por isso, independente do formato, do número de páginas, do conteúdo e do leitor pretendido, o calendário aparece em todas elas, com os dias de cada mês e suas respectivas datas comemorativas e feriados, bem como a indicação de santos para cada dia do ano, justamente para organizar o tempo social, tempo este que se refere à organização dos sujeitos dentro das esferas civil e religiosa. Nas palavras de Nova (1996) "[...] organizar e administrar o tempo, situar nele as coisas e os seres para assegurar a continuidade da vida: eis aí, talvez, a razão do calendário. O tempo social organizado corresponde ao tempo civil e ao tempo religioso." (p. 54).

As Folhinhas então, trazem em suas páginas impressas informações/notícias para os leitores, com conteúdos relacionados à ordem civil e religiosa. Há ainda, informações sobre fases da lua, ocorrências de eclipses solar e lunar para o ano da Folhinha, informações astrológicas e alguns prognósticos para crianças nascidas em cada mês, que aparecem na seção "Ano Novo", que refere-se a uma carta ao leitor, que se encontra nas páginas iniciais do impresso.

Assim, todo o conteúdo das Folhinhas revela uma intenção de guiar "pedagogicamente" os sujeitos dentro de um tempo social. Mais precisamente, essas publicações sugerem a ideia de conduzir os leitores por intermédio de "um tempo simultaneamente coletivo e individual [...]" (LE GOFF, 2013, p. 441). Mais especificamente, em similitude também ao gênero dos almanaques, há a intenção de guiar baseada na ideia de tempo cíclico: "expressa não só na presença do calendário, mas também na própria escolha e concepção da informação." (ANDRIES, 1996b, p. 289). Ou seja, a noção de controle do tempo dentro de um contexto de relações de poderes, em que os saberes (civis, eclesiais, astrológicos e astronômicos) concorrem entre si intencionalmente para guiar seus leitores.

Nessa mesma perspectiva, nossas Folhinhas produzem um discurso de valorização da nacionalidade e, muitas vezes, de "comunhão" com a religião. Sobre a expressão "comunhão" que utilizamos, destacamos novamente os estudos de Nova (1996). Ao se referir ao gênero almanaque, seu objeto de estudo, essa autora menciona que as duas formas ideológicas, cristianismo e patriotismo, como sistemas de pensamento, orientam e são capazes de atender às necessidades básicas dos leitores quando se aponta para o objetivo mais enciclopédico dos almanaques, em relação aos assuntos relacionados à História e à Ciência de um modo geral. O mesmo ocorre no gênero editorial folhinhas de aligeira.

Reforçando a ideia de guia das Folhinhas, destacamos também outra associação feita por Hallewell (2005) sobre as Folhinhas anuais da Editora Laemmert, que começaram a ser publicadas em 1839 e que foram definidas pelo autor como guias de bolso. A priori, cabe destacar novamente que essa editora é responsável pela maior parte das Folhinhas que compõem o corpus desta pesquisa e que essa definição "Guia de bolso" é muito significativa, no que tange, especialmente, a nossa busca pela definição desse gênero editorial. Ressaltamos também o uso do termo "miscelânea literária", o que nos mostra ser essa publicação uma espécie de mosaico. Por sua vez, a expressão "guias de bolso" confirma seu uso prático como guia ou mesmo um processo de produção dessa necessidade pelo mercado editorial:

[...] em pouco tempo começaram a editar e, em 1839, iniciaram a publicação de sua Folhinha anual, uma miscelânea literária organizada por Eduardo, que contribuiu com muito material de sua própria autoria. A principal linha editorial era constituída por guias de bolso e outras publicações semelhantes, produzidas rapidamente para atender à demanda do mercado." (HALLEWELL, 2005, p. 234, grifo nosso).

A ideia de miscelânea literária (Halleweel, 2005), confirma-se na análise de nosso corpus. As Folhinhas apresentam uma diversidade de assuntos e, independentemente da sua tipologia, nota-se que esses impressos conservam, na maioria das vezes, as estruturas das suas seções, mesmo possuindo diversidade de conteúdo. Isso quer dizer que, nelas, encontramos permanência e movimento. Constata-se esse mesmo fenômeno na pesquisa sobre almanaques estudados por Dutra (2005), em que há um movimento de modificação ou de incorporação de temáticas ao longo dos anos de publicação, mas há sempre um espaço "reservado aos calendários, via de regra com os santos do dia, e ao horóscopo, sobrevivência dos grandes prognósticos astrológicos" (DUTRA, 2005, p. 17). As Folhinhas também trazem certas modificações que variam de publicação para publicação, de editora para editora, mas há elementos que aparecem sem exceção em todas elas, marcando a identidade desse gênero, especialmente a característica de diversidade de assuntos encontrada nessas publicações.

A diversidade de assuntos nas Folhinhas reforça dois aspectos essenciais. Primeiro, a ideia de conteúdos que guiam seus leitores em diferentes dimensões, seja civil, religiosa, astrológica ou astronômica. Segundo, a ideia de abrangência de uma ampla rede de leitores, pois, uma vez que se diversificam os assuntos, pretende-se também diversificar o tipo de público para o qual eles estão voltados. Portanto, havia um claro objetivo de atrair os leitores dos mais variados gostos e

supostamente, com diferentes e múltiplas habilidades de leitura, uma vez que trata-se de material impresso que possibilita várias entradas de leitura.

De modo mais específico, sobre as temáticas e as relações com os possíveis leitores pretendidos, destacamos as tipologias das Folhinhas com uma estratégia editorial de segmentação do material, em que a tipologia das obras está diretamente relacionada a uma expectativa de abrangência de públicos diversos, uma vez que, ao diversificar os títulos, pode-se dizer que há a intenção de atrair mais leitores.

A estratégia editorial de segmentação, diz da fórmula editorial das Folhinhas, em que é recorrente na maioria de nossas Folhinhas, uma estrutura fixa composta de um material geral, acrescida de um anexo com temática diretamente relacionada ao título da obra e, na maioria dos casos, de um catálogo de livros. Essa forma de composição possibilitou constatar uma estratégia de segmentação: tanto os anexos que as acompanham e que dão nome às Folhinhas, como Folhinhas dos Sonhos ou Folhinhas dos Namorados, como o catálogo de livro, demonstram independência do material geral. Isso foi constatado pela análise da existência de uma paginação que não é sempre sequencial e pela presença de uma nova capa/folha de rosto em cada um deles, mas com a mesma gramatura do texto do miolo das Folhinhas.

Desse modo, cria-se um padrão, uma técnica padronizada (ANDRIES, 1996b), tanto de apresentação das seções, como de estruturação delas dentro do material geral, em que se constata a permanência de várias seções, bem como a estratégia de segmentação pela presença do anexo com um material relacionado a sua tipologia. Assim, as Folhinhas apresentam títulos que indicam seus temas, que mostram algumas tipologias e especificidades do público leitor a que se destinam: são elas civis ou eclesiásticas, eclesiásticas e civis simultaneamente, com títulos específicos que indicam segmentação do público leitor.

Nesse sentido, constata-se que, à medida que se especifica no título a temática da Folhinha, a publicação traz um anexo, até com paginação diferente, mostrando a independência do anexo e a oferta de informações que remetem diretamente ao seu título. Inclusive, essa independência é reforçada também pela apresentação do índice antes do anexo, indicando que o material genérico se encerrou e que adiante será uma nova composição. Assim, compreende-se as relações entre título, conteúdo, caderno anexado e interesses que se pretende, especialmente no que tange aos possíveis leitores.

A tabela a seguir nos permite visualizar as tipologias das Folhinhas e a relação com os anexos e a quantidade de páginas que ele representa do total de páginas do impresso:

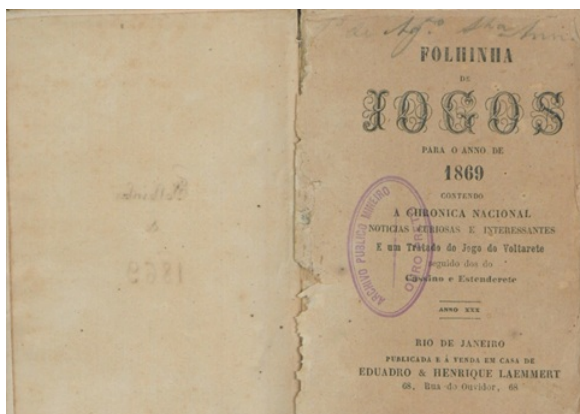
<b>Categorização das Editoras</b>	<b>Impresso/Folhinha</b>	<b>Anexo referente ao título da folhinha</b>	<b>Quantidade de páginas referentes ao anexo que dá título à folhinha</b>
	Folhinha dos bons costumes para o ano de 1855.	Elementos da Ethica	48
	(Quantidade total de páginas: 326)		
	Folhinha homeopática: 1860	Manual Homoeopathico contendo a descripção e tratamento das principaes moléstias. Rio de Janeiro. Publicado e à venda em casa de Eduardo & Henrique Laemmert. 77. Rua da Quitanda.	64
	(Quantidade total de páginas: 367)		
	Folhinha para o ano de 1864	Novíssima collecção de charadas logogriphos e enigmas por Zacharias Nunes da Silva Freire. Natural da Bahia. Rio de janeiro. Em casa dos editores-proprietarios Eduardo & Henrique Laemmert. Rua da quitanda, n. 77.	64
	(Quantidade total de páginas: 272)		

	Folhinha do charadista para o anno de 1867	collecção de novissimas charadas offerecidas aos leitores das folhinhas.	69
	(Quantidade total de páginas: 348)		
	Folhinha militar 1867	Contendo o romance hist.-juridico: A baixa de Mathias, ordenança do Conde de...	
	(Quantidade total de páginas: 348)		
	Folhinha da Guerra de 1868	Chronica dos principaes acontecimentos concernentes à actual Guerra do Paraguay (imagem) -	48
	(Quantidade total de páginas: 280)		
	Folhinha de 1868 (miscellanea)	Cofre de novissimas charadas Logogriphos e enigmas	48
	(Quantidade total de páginas: 446)		
	Folhinha de Jogos para o anno de 1869	Tratado do Jogo do Voltarete. Seguido dos do cassino e estenderete	64
	(Quantidade total de páginas: 442)		
	Folhinha Romantica para o anno de 1871	Romance - O capitão Silvestre e Frei Velloso ou a Plantação do Café no Rio de Janeiro	48
	(Quantidade total de páginas: 352)		
Laemmert (Casa de Eduardo e Henrique Laemmert/Typografia Universal de Laemmert)	Folhinha Romantica para o anno de 1842	novellas e romances engraçadissimos	112
	(Quantidade total de páginas: 252)		
	Folhinha do charadista para o anno de 1846	Cofre de charadas e logogriphos novissimos	80
	(Quantidade total de páginas: 278)		
	Folhinha da Lei das Terras de 1854	Lei/decreto das terras	75
	(Quantidade total de páginas: 316)		
	Folhinha para o anno de 1853	receita contra a melancolia ou collecção de aneddotas pilhérias e casos galantes	64
	(Quantidade total de páginas: 360)	Offerecida aos que precisam de sacudidelas no diaphragma.	

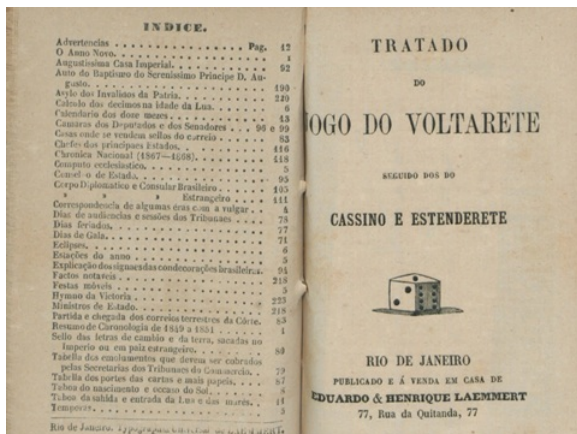
	Fantasia e Estudos por Brandão Pinheiro – natural do Rio de Janeiro seleção de 11 textos.	59
Folhinha Laemmert para o anno bissexto de 1888	(Quantidade total de páginas: 378)	(poemas, contos, textos narrativos)
	Cofre precioso de remedios contra a hypocondria ou nítida colleção de charadas, enigmas e logogryphos para passatempo nas horas vagas	32
Folhinha Laemmert para o anno de 1885	(Quantidade total de páginas: 401)	
	Lembranças instructivas e divertidas, em prosa e verso	64
Folhinha de lembranças instructivas e divertidas para o anno de 1875	(Quantidade total de páginas: 325)	
	Lista de sonhos em ordem alfabética e as explicações.	13
Folhinha para o anno de 1874	(Quantidade total de páginas: 256)	
	Arte d'explicar os sonhos e visões nocturnas ou dictionario dos mysterios dos sonhos Explicados pelo autor dos oraculaos mais celebres do oriente. (idêntico ao da folhinha dos sonhos de 1864).	46
Folhinha de 1873	(Quantidade total de páginas: 366)	
	Poesias à terminação da Guerra do Paraguay, e à recepção dos Voluntarios da Patria	64
Folhinha de versos para o anno bissexto de 1872	(Quantidade total de páginas: 352)	
Livraria de Agostinho de Freitas Guimarães & Companhia/ Antonio Gonçalves Guimarães	Folhinha para o anno de 1857	Florilegio Litterario contendo artigos sobre differentes assumptos escriptos por diversos autores
	(Quantidade total de páginas: 256)	64

**Fonte:** elaborada pela própria autora.

A *Folhinha de Jogos para o anno de 1869*, por exemplo, traz descrito na folha de rosto sua composição e parte dela diz de uma temática específica que refere-se ao “tratado do jogo do Voltarete seguido dos do Cassino e Estenderete” e o material anexo está diretamente relacionado a tipologia da obra, bem como a intencionalidade da obra está em ampliar seus leitores, ou seja, além da abrangência do leitor para o material geral, a ampliação para o leitor que se interesse pela temática de jogos:



(Fonte: Folhinha de Jogos para o anno de 1869, Eduardo & Henrique Laemmert, RJ. Referência APM: OR: Folhinha de jogos: 1869. Séc. XIX. cx.51 – folha de rosto)



(Fonte: Folhinha de Jogos para o anno de 1869, Eduardo & Henrique Laemmert, RJ. Referência APM: OR: Folhinha de jogos: 1869. Séc. XIX. cx.51 – índice materil geral e capa anexo)

Desse modo, podemos refletir que o título das Folhinhas é a “representação em termos gráficos” (NOVA, 1996, p. 74), dos assuntos que estarão estampados nas páginas do impresso e, mais especificamente, sugere ao leitor um anexo exclusivo sobre a tipologia, reforçando a ideia de segmentação de conteúdo e maiores possibilidades de escolha entre os títulos.

Retomando a noção de segmentação pela apresentação de um anexo específico, chegamos a uma ideia de universo abrangente de interesse e, por suposição, de leitores, bem como possibilidades de escolha do leitor, uma vez que se publicam diversos títulos para um mesmo ano, com uma forma idêntica do material geral, variando apenas o que se anuncia como segmentação/tipologia. Em alguns casos, por exemplo, os catálogos de livros<sup>[1]</sup>, também anexados ao final das Folhinhas, são idênticos. Assim, o genérico se mescla com o singular. A estratégia é segmentar temáticas e diversificar as Folhinhas, exclusivamente pelo seu caderno anexo, que é singular em cada exemplar mesmo nos anos de publicações iguais. Por outro lado, também encontramos anexos que trazem identidade diferente para cada Folhinha, mas são sempre os mesmos no decorrer dos anos. Esse tipo de estratégia está presente em todas as nossas Folhinhas que foram publicadas pelas tipografias dos irmãos Laemmert e da Antonio Gonçalves Guimarães, pois as demais das tipografias de R. Ogier e Universal, não apresentam essa padronização em sua forma.

[1] Apesar de não ser objeto de estudo para esse artigo, destacamos que o catálogo de livros é outro anexo que faz parte da forma editorial de nossas Folhinhas. Destacamos que apenas duas Folhinhas das 45 analisadas não trazem ao final um catálogo de livros, são elas: Folhinha D'Algibeira, De R. Ogier E C. Para o anno de 1839 da Typografia de R. Ogier e C, e a Folhinha de d'Algibeira ou Diario civil e ecclesiastico, do ano bissexto de 1832, publicada pela Imp. C. do Ouro Preto na Typografia do Universal.

Sendo assim, apreendemos que as Folhinhas Laemmert e as da Antonio G. Guimarães se apresentam com uma forma de organização similar entre elas e de certo modo padronizada, pois em todos os exemplares analisados é possível constatar de imediato um formato semelhante em relação às dimensões do impresso, uma composição específica ao trazer seções semelhantes, por exemplo, iniciadas pela carta ao leitor. Ambas as tipografias intitulam essa parte como “O anno novo” e em seguida estão impressas todas as demais seções apresentadas no índice do material, inclusive o índice encerra esse primeiro corpo de texto, ou seja, um primeiro composto de saberes. O índice é posicionado ao final da parte geral, encerrando-a, antes do anexo, e não apresentando nenhuma relação com o que se segue. Assim, encontramos mais um reforço para a hipótese de que são partes totalmente independentes encadernadas juntas. Quando não há esse anexo, geralmente o que vem a seguir é o catálogo de livros.

O caderno anexo relacionado a tipologia da Folhinha, com numeração diferente, reforça a ideia de um material autônomo, independente, mas que, concomitantemente, compõe o gênero Folhinha desse período e desse corpus. Além disso, como já mencionamos, a relação entre esse anexo e as possibilidades de leitores está diretamente relacionada à perspectiva de abrangência de diferentes interesses dos leitores, bem como a múltiplas possibilidades de apropriação e uso, seja no ato da escolha das Folhinhas, seja nos usos singulares de partes delas. Assim, quando não encontramos um anexo num exemplar, pode ser indício de que um leitor fez uso dele separadamente, destacando-o. Assim, talvez pudéssemos considerar a ausência de um anexo como marca de seu uso.

Para se ter uma ideia da segmentação numa mesma editora, a Laemmert, num mesmo ano, apresentamos um anúncio da editora, mostrando a quão promissora é a publicação, no sentido da diversidade de interesses e que a sua compra/recepção pelos leitores/ouvintes supostamente alimenta essa diversidade de produções. Assim, ao mesmo tempo em que o país tem poucos leitores, seus interesses e possibilidades de apropriação são múltiplos:

**FOLHINHAS DE LAEMMER**  
1867 — VIGESIMO-OITAVO ANNO

Ornadas de Finissimas-Vinhetas, dos fieis retratos de SS. AA. II. D. Isabel e D. Leopoldo SS. AA. os Srs. Conde d'Eu e Duque de Saxe, do Visconde de Tamandaré, do General Fio outros eminentes personagens e santos, bem como das vistas de Montevidéo e Assa contendo o sempre applaudido artigo joco-sério

**O ANNO NOVO**

adornado com muitas burlescas vinhetas; a Chronica Nacional relatando os factos historicos interessantes de 1867—1868, principalmente os da guerra do Rio da Prata; a Augustissima Imperial; nomes e titulos dos chefes dos principaes Estados; Dias de Gala e de Audiencias; do Sol e da Lua; Senadores, Corpo Diplomatico e Consular nacional e estrangeiro; Partida dos Correios; Emolumentos que se cobrão nos Tribunes do Commercio, etc

**TITULOS E CONTEUDO ESPECIAL**

do grande sortimento das diferentes Folhinhas, que todas tambem contém no principio materias nolma especificadas; a saber:

**FOLHINHA IMPERIAL DE ESCRITORIO**

- 1 Folhinha do Jardineiro e Arboricultor, com um resumo do Manual do Jardineiro.
- 2 Folhinha Recreativa Brasileira, com uma excellente collecção de factos notaveis, occurrencias singulas
- 3 Folhinha de Moral, contendo a Novella moral: O Anjo da Guarda ou a Feliz Familia.
- 4 Folhinha dos Theatrinhos, contendo o Proverbio em um acto: Manda quem póde.
- 5 Folhinha Miscellanea, contendo o segundo Hamalhete de Anecdotas, Contos, Bernardices, etc.
- 6 Folhinha de Varietades curiosas e interessantes.
- 7 Folhinha Theatral, contendo a linda comedia em um acto: A Homoeopathia.
- 8 Folhinha de Historietas, Contos e artigos mui interessantes.
- 9 Folhinha Comica, contendo a scena comica, original brasileiro: Um Paulista de volta da Corte.
- 10 Folhinha Enigmatica, contendo um novissimo zofo de charadas.
- 11 Folhinha da Guerra, com a Rel. chronologica dos factos notaveis da actual Guerra do Brasil. (Duz)
- 12 Folhinha de Medicina Domestica e Popular, contendo uma collecção de artigos de Medicina.
- 13 Folhinha de Contos Moraes, contendo os contos: Amor e Dever, e a Carteira Perdida.
- 14 Folhinha da Fonte da Verdade, ensinando o Caminho para a Virtude.
- 15 Folhinha Industrial, contendo uma collec. de processos industriaes, fórmulas e receitas de facil applicação
- 16 Folhinha do Syst. Metrico, contendo um breve e facil Compendio deste systema, adoptado no Imp. do
- 17 Folhinha Mac., pela qual se obtem saber os dias e m. Mac., com a relac. das lojadas Gr. Or. d
- 18 Folhinha de Novos Casos Engraçados, contendo uma collecção de xistosos casos e anecdotas.
- 19 Folhinha da Nova Linguagem das Flores, contendo o Novo Dice. das Flores, pedras preciosas, co
- 20 Folhinha de Novas Sortes, contendo uma rica collecção de engraçadas sortes para as noites de P
- 21 Folhinha do Impio Confundido, com respostas breves e familiares ao objec. contra as Verdades da
- 22 Folhinha Para entretenimento das Familias Brasileiras, contendo a Linguagem da Musica.
- 23 Folhinha da Lavoura Rotineira, com idéas praticas sobre a lavoura e a Plantação do Tabaco na Bah
- 24 Folhinha do Charadista, contendo uma linda collecção de Charadas.
- 25 Folhinha de Sonhos e visões nocturnas, com a arte de explica-los, em forma de dicionario.
- 26 Folhinha do Anecdotalista, com uma rica collecção de Novissimas Anecdotas e Ditos engraçados.
- 27 Folhinha Militar, contendo o romance hist.-juridico: A Baira do Mathias, ordenanca do Conde de
- 28 Folhinha Religiosa, contendo a Vida dos Santos de especial veneracion na igreja de Deos.
- 29 Folhinha de Braz Gomes, que foi perseguido pela Inquisição.
- 30 Folhinha dos Chapéus, com a hist. curiosa dos chapéus, suas fórmulas e as transform. por que pass
- 31 Folhinha do Romancista, contendo o romance brasileiro: A Camisã preta.
- 32 Folhinha Enigmatica, contendo uma nova collecção de enigmas pittorescos.
- 33 Folhinha de Braz Tisana, com a ultima collec. de cartas do Vis. de Kikiki a sua esposa e respos
- 34 Folhinha Economica, com uma nova série de receitas.
- 35 Folhinha de Anecdotas Religiosas para a educaçao da mocidade e instrucção dos fieis.
- 36 Folhinha do Fabulista, com uma escolhida collecção de fabulas em verso rimado, illustrada com
- 37 Folhinha de Lindos Contos: Oreste e Pylades, e outros.

**E muitas outras de instrucção e recreio.**

Vinte e oito annos de incessantes esforços para a prosperidade da presente pu annual, ajudados por pennas habéis, são hoje coroados pela grande procura e geral acceptação dos fieis Calendarios em todo o Império Brasileiro, pois misturando o util e o agradável, como jocos, apresentando a variedade em todas as suas combinações, alcançamos crear um de publicações periodicas, que por sua barateza penetra até nas mais modestas habitações; e seus imitadores espalha a instrucção entre o povo, derrama o conhecimento da legislacão recreia nas horas vagas a quem não tem posses para a compra de dispendiosos livros, e o amor da leitura, por meio de tratados resumidos e populares em todos os generos da lit. Por isso as pessoas que costumam comprar porções de Folhinhas, e desejão achar-lhes tracção, devem recomendar expressamente que sejam compradas no Rio de Janeiro

**EM CASA DE E. & H. LAEMMERT, RUA DA QUITANDA N. 77.**

Fonte: Guia do Rio de Janeiro ou indicador alfabético. Hemeroteca Digital - Biblioteca Nacional. Casa dos editores Eduardo e Henrique Laemmert. 1867, p. 100.

### Algumas considerações

As Folhinhas trazem em seu texto um forte caráter de pretensão de ser um guia, através da socialização do tempo, marcado em dois sentidos, um tempo mais ancestral com a repetição de fatos religiosos e de história mais geral e uma temporalidade mais contemporânea, pois algumas seções trazem informações e fatos históricos e políticos do ano precedente ao da sua publicação, reforçando, assim, uma intencionalidade do impresso de construção de uma memória coletiva brasileira (NOVA, 1996).

A ideia de miscelânea literária, também trazida por Laurence Halleweel (2005), confirma-se na análise de nosso corpus. As Folhinhas apresentam uma diversidade de assuntos, num encontro de permanências e movimentos. Assim, apesar da conservação de várias seções em diferentes edições, há singularidades que se revelam na abrangência de gostos variados dos leitores. Por exemplo, ao trazer assuntos específicos sobre a organização administrativa da corte e ainda sobre a ênfase na apresentação da composição da família real, nota-se uma associação das Folhinhas com espécie de compêndio para a vida do cidadão do império do Brasil (NEVES, 2010). Assim, cria-se uma mentalidade nacional para aqueles que se interessam pelo sistema de governo, ao mesmo tempo em que os supostos leitores-modelo, possivelmente, são os habitantes do município da corte do Rio Janeiro.

Mediante a um estudo analítico-descritivo-comparativo das Folhinhas que fazem parte do corpus da nossa pesquisa, inicialmente, destacamos que foi possível compreender as funções, as características simbólicas, materiais, estruturais, que as tornam, em sua aparência e "essência", uma Folhinha. Nesse sentido, constatamos que as Folhinhas trazem uma fórmula e uma forma editorial que emprega um formato geral para todos os exemplares, acrescido de partes específicas com temática diretamente relacionada ao título da obra, com a presença de um anexo que configura uma forma de segmentação de leitores e uma identidade para cada título inventado.

O anexo, além do material geral, nos ajudou a compreender quais eram as estratégias de segmentação e também as relações de dependência e independência entre as várias partes e o material geral. Desse modo, cria-se um padrão, uma técnica padronizada (ANDRIES, 1996b), em que a apresentação e a estruturação das seções são mantidas. Essa padronização traz identidade às Folhinhas, bem como a estratégia de segmentação através dos anexos, nos traz indícios, aos supostos leitores que o impresso pretendia abranger.

Assim, a diversidade das tipologia da Folhinhas diz das suas singularidades mas também das suas similitudes, assim as funções gerais de repertoriar e informar, de classificar saberes, de prescrever comportamentos, de contribuir para a vida prática, de oferecer diversão a quem precisa, de dar estratégias a quem necessita conquistar um amor ou plantar, entre várias outras, se somam a uma intenção maior, a de conduzir rituais da vida diária como ações burocráticas, previsões, ritos, orações, nem que seja apenas pela leitura, e isso une todos os exemplares.

Sobre a leitura e sua forma de funcionamento no Império, é bem elucidativa a citação que não limita sua recepção ao ato de ler no seu sentido de leitura autônoma, mas também o associa a outras sociabilidades e ao ouvir:

A Folhinha é, posto que modesta, um dos órgãos da historia, e chegando a todas as mãos, por seu preço e seu estylo popular,



derrama mais poderosamente do que qualquer outro vehiculo a noticia dos grandes feitos e dos actos preliminares que sempre os procedem, e nos quaes se encerra o verdadeiro segredo das grandezas humanas. Póde ser que um obscuro e desconhecido filho do povo venha em tenra idade ter à vista um destes escriptos, e lendo, ou ouvindo, lêr a historia de um grande homem, se sinta preso de certa emulação e vivo desejo de gloria (não de premio vil) que produzem as acções heroicas a prol da patria. Então que beneficio serviço não terá prestado uma modesta e humilde Folhinha?

(Folhinha de lembranças instructivas e divertidas para o anno de 1875, p. VII)84.

Assim, possivelmente, não são as habilidades de ler que condicionariam o acesso aos seus textos num país que neste período tem mais de 80% da população analfabeta.

### Referências Bibliográficas

ANDRIES, Lise. Almanques: Revolucionando um Género Tradicional. In:

BOTREL, Jean-François. Catálogo Almanak dos Almanques. In: MEYER, Marlyse (org.). Do almanak aos almanques. São Paulo: Ateliê, 2001, p. 17-18.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

DARNTON, Robert. A questão dos livros: passado, presente e futuro. Tradução: Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

EL FAR, Alessandra. O livro e a leitura no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; JINZENJI, Mônica Yumi. A quem se destinava o Boletim Vida Escolar? In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. Boletim Vida Escolar: uma fonte e múltiplas leituras sobre a educação no início do século XX. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil: sua história. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2005. MEYER, Marlyse (org.). Do Almanak aos Almanques. São Paulo: Atêlie Editorial, 2001.

MOLLIER, Jean-Yves. A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre História Cultural. Tradução de Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Folhinhas e almanques: História e Política no Império do Brasil (1824-1836). In: RIBEIRO, Gladys Sabina e FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz (orgs). *Linguagens e práticas da cidadania no século XIX*. São Paulo. Alameda, 2010.

LE GOFF, Jacques. História e memória. 7. ed. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

NOVA, Vera Casa. Lições de almanaque: um estudo semiótico. Editora UFMG. Belo Horizonte, 1996.

PARK, Margareth Brandini. Histórias e leituras de Almanques no Brasil. São Paulo: Mercado das Letras/FAPESP, 1999. (Coleção Histórias de leitura).